

No limiar dos tempos, quando a paz e a mesma vida da humanidade são ameaçadas pelos cataclismos naturais e estremecimentos sociais, quando os grandes impérios convertem-se em poeira e nos palácios dos grandes soberanos começam a reinar os escravos, quando em vez dos governantes sábios e ilustrados chegam os déspotas; quando as tecnologias novas servem aos vícios antigos; a música, sendo um tesouro inapreciável, concedido para nós pelo Criador, pode indicar aos povos do novo milénio o caminho dos novos conhecimentos e da união com a natureza.

A concepção do desenvolvimento da música no terceiro milénio

A música em diferentes formas acompanha ao homem desde a criação do mundo. Os científicos aceitam que depois da primeira explosão do universo a densidade do gas interstelar foi tão forte que nele podiam propagar-se as ondas sonoras. Mas, desgraçadamente não sabemos nada da existência naqueles tempos longínquos de portadores de intelecto que pudessem intercambiar mensagens musicais no nascente espaço intergaláctico...

Mas deixemos as fantasias sedutoras e voltemos ao mundo do visível passado. Existiu a música antes da aparição do homem na Terra? Claro que sim, existiu! Basta lembrar a escola vocal nos bandos de rouxinóis, onde o rouxinol mais experto e maduro ajuda aos mais novos a desenvolver as suas capacidades vocais. Sem o poder virtuoso da sua voz o jovem rouxinol não poderá atrair a atenção da fêmea e continuar a sua reprodução. Alguém pode dizer: “ Isto não é música, é um canto bonito dos passarinhos desmiolados, mais nada. Que error profundo! Mas interessa-nos mais a criatividade musical consciente do homem.

Que é a música e de que maneira distingue-se do canto dos pássaros? Que faz da música uma obra de arte?

A natureza que nos rodeia genera uma enorme quantidade de sonidos. Por exemplo, o uivo da tempestade, o ruído da ressaca do mar, o estrondo das árvores. A actividade dos homens e da maior parte dos representantes do mundo animal sempre é acompanhada pelo espectro amplíssimo de oscilações sonoras. Primeiro é a fala humana e os sonidos, realizados pelas cordas vocais dos animais e pássaros. Naturalmente, nós não consideramos como sonidos musicais toda essa enorme variedade de sonidos, embora a fala humana expressiva e emocional, ou mesmo o ruído das ondas marítimas podem comunicar à nossa alma e ao nosso intelecto muito mais do que as obras de muitos compositores modernos. As vezes os poetas comparam a voz humana com os sonidos musicais: compõem poesias sobre a música da fala, sobre a melodia da voz. Está claro que o poeta pode reflectir a realidade tal como a representa. Mas... falando em sério, a voz começa a produzir sonidos musicais só quando o homem começa a cantar. E desta maneira faz que a sua voz seja capaz de reflectir uma ideia que outras pessoas podem perceber e apreciar como uma ideia musical. O mesmo passa com a interpretação por meios dos instrumentos musicais: os sonidos do violão ou do trombone convertem-se em obras musicais só quando o intérprete encarna uma imagem artística generalizada, ou seja algumas qualidades típicas dos fenómenos da realidade ou caracteres humanos. As imagens artísticas podem criar-se muito antes da sua encarnação, como na música clássica, ou podem surgir directamente no processo de interpretação, por exemplo a improvisação no estilo jazz.

A maior parte da gente percebe e aprecia a música desde o ponto de vista “ se gosto ou não gosto”. Se o ouvinte pode perceber na obra do compositor ou intérprete alguma coisa pessoal e pode acrescentar alguma coisa nova - tal obra musical é multifacetada, tem vários sentidos. Assim uma obra musical que encarna grandes ideias musicais, torna-se um fenómeno de arte importante, se tem muitos significados. Neste caso “muitas pessoas” gostam dela e essas “muitas pessoas” percebem as grandes ideias musicais de diferente maneira, cada pessoa –de acordo com a sua própria percepção.

Nos últimos séculos a humanidade deu ao mundo grandes compositores e intérpretes em diferentes instrumentos musicais, durante centenas de anos cristalizaram-se os gêneros musicais e as formas das obras musicais. Mas sabemos bem a essência da música? Tudo o que foi dito antes, reflete só as qualidades “exteriores” da música.

Existe uma enorme quantidade de tentativas de analisar as obras musicais desde o ponto de vista da sua correspondência aos ideais de beleza. Mas qualquer tentativa dá em nada à causa da subjetividade dos critérios de beleza, e como consequência, a inconstância de ideais no decorrer dos tempos. Mas, ao mesmo tempo, ninguém tem dúvidas de que a simples canção da mãe para ninar o seu bebé é bela. Compreende-a a criança de peito e o sábio de cabelo branco, embora não foi criada pela consciência treinada do profissional, mas pela mente subconsciente humana. Como surgiu na alma da mãe este motivo simples, mas que inclui todo o mundo? É melhor perguntar quem pôs na sua boca esse motivo, quem fez obedecer a sua voz, quem fez-la capaz de transmitir a beleza? A resposta é evidente...

Cada gênio da música sabia que é a inspiração. Eles descreviam esse sentimento de diferentes maneiras, mas em geral é a aparição da beleza na alma do compositor, percebida pouco a pouco como a combinação de sonidos musicais. Como nasceu essa beleza na alma do compositor? A resposta é evidente...

A música é a inspiração Divina, dada ao homem como o sentimento de beleza, expressado e reproduzido em forma do sistema de sonidos. Dita Inspiração divina é o conteúdo básico e fundamental da música. Portanto o critério objectivo da beleza é o próprio Criador. Quais são as qualidades fundamentais do somido musical? Em relação com o espaço, o somido ideal nasce na infinidade e desaparece na infinidade. Em relação com o tempo, o somido ideal nasce na eternidade e desaparece na eternidade.

As qualidades materiais do somido no mundo actual estão estreitamente relacionadas com a actividade intelectual do compositor, músico e ouvinte.

O compositor materializa a inspiração que lhe dá o Criador, com a ajuda do seu ouvido interior e constrói a sua obra em forma de notas musicais. Desgraçadamente a notação musical, embora seja muito sofisticada, não é capaz de refletir completamente a ideia do compositor, e rouba à música tudo o vivo e o variável. Mas o músico na escena e o ouvinte na sala podem captar, imaginar e ouvir pelo ouvido interior “o vivo e o variável” durante o concerto ou depois dele. Portanto cada músico e ouvinte materializam a obra do compositor à sua maneira – a música tem a qualidade de ser multifacetada!

Cada instrumento musical concreto tem as suas próprias possibilidades e particularidades para reproduzir sonidos. Portanto, o instrumento do intérprete não reflete com perfeição a ideia do compositor. Mas, muitas vezes pode-se ouvir que o somido do violão, criado por um grande maestro italiano, faz nascer o somido muito mais belo do que a ideia do compositor sem talento. Mas é um caso particular da vida musical que não muda nada na teoria musical.

Como foi dito já, cada ouvinte materializa à sua maneira a obra do compositor. Além disso com o tempo o ouvinte percebe diferentemente a mesma interpretação ou a sua gravação. O ouvinte pode também perceber diferentes interpretações da mesma obra de diferente maneira, mesmo contrária à inicial. Surge a pergunta: recebeu o ouvinte muita coisa da mensagem Divina ao compositor, depois de uma larga cadeia de simplificações? Por desgraça, pouca coisa... Mas qual é o poderio do Criador, se mesmo um grão da Sua mensagem enviada para nós, é capaz de produzir uma impressão inesquecível!

Os compositores e os intérpretes da sua música, aproximam-se na sua obra, conforme o seu talento, do superior dos ideais.

O deleite com a beleza que nasce na união da ideia do compositor, vontade do intérprete e percepção do ouvinte, reflete o sentido e o objetivo da vida humana. Mas inclui a música só o deleite?

Desde os tempos mais remotos a música ajudava a estabelecer o contato entre o médico e o doente, senhor e escravo, noiva e quiromante, ajudava aos guerreiros antes da batalha, aos camponeses no seu difícil labor, era intermediária entre o oráculo e o futuro (ou o passado remoto).

Mais ainda, a música é capaz de retardar ou acelerar a percepção subjetiva do tempo pelo ouvinte (muitas vezes depois do concerto dizemos: “O tempo parece parar”, ou “O concerto durou só um segundo”). Isso não é só uma metáfora...

É evidente que uma infinidade de ritmos, timbres, uma variedade melódica e harmônica infinita, tais recursos poderosos de expressividade como a vibração, matizes dinâmicos, mudanças do tempo, uma variedade sem fim de possibilidades para combinar todos esses elementos fossem criados pelo Inspirador dos músicos para revelar ao homem na música, ou seja na língua universal, compreensível para cada pessoa, - as Suas predestinações, Suas mensagens à humanidade, o código das Suas leis, toda a informação desde a criação do mundo até o seu ocaso.

A música e a providência Divina que ela contém acompanham ao homem desde o nascimento do progenitor dos homens até a morte do último membro da sociedade humana. Desde o momento da criação do mundo a música tem seguido as aspirações do Inspirador dos músicos, existia junto à igreja ou servia-lhe directamente para refletir os dogmas da fé. Os grandes compositores criaram obras imortais que educaram muitas gerações de homens. Mas o século XX excomungou a música da fé. Muitos músicos esqueceram o grandíssimo postulado da música: “É preciso representar mesmo o feio com recursos de beleza”. A música entrou num beco sem saída ao perder o ideal superior. Só a genialidade dos músicos do século passado salvou a música da morte. A tarefa dos músicos do futuro consiste em restabelecer a relação vivificante entre a música e a fé.

Mas o mais surpreendente - toda a torrente universal de informação consiste tanto na obra musical completa, como na sua única nota. Muitos grandes intérpretes conhecem essa propriedade assombrosa da música. Tais notas separadas que encarnam toda a sabedoria do mundo podem ouvir-se na obra dos titãs do século XX: Pablo Casals, Franco Corelli, Iehudi Menuhin, Miles Davis.

Portanto, a música deve ser estudada não só como objeto do conhecimento, mas como o instrumento do conhecimento. Suponhamos qual será o efeito de estudar as qualidades da música como um dos fenómenos fundamentais do universo. Não falamos do que pode ser realizado hoje, mas do que possa ser realizado no futuro, talvez muito distante.

O homem já durante milénios trata de “verificar a harmonia através da álgebra”. Que é a harmonia? É a combinação ideal das partes de um tudo. O homem deleita-se ao perceber esta combinação ideal das partes de um tudo sem ter conta da relação directa com o conteúdo deste “tudo”. Tal compreensão da harmonia tem um defeito importante: mesmo a existência de uma só combinação ideal das partes de um tudo empobrece a formulação. A arte é polissémica. Por isso seria mais correcto dizer o seguinte: Que é a harmonia? Desde o ponto de vista do ouvinte ou espectador é uma combinação ideal das partes de um tudo no momento dado. A expressão matemática dessa percepção polissémica da harmonia como uma das propriedades da matéria, é a “secção de ouro” – uma série de números com a divisibilidade de 1,618, que pode aumentar-se ou reduzir-se infinitamente. Cada número desta série combina-se perfeitamente con qualquer outro número da mesma série. Os números da série de “secção de ouro” podem simbolizar não só os valores lineares, mas também os lapsos de tempo. Dessa maneira pode-se achar e calcular não só os tamanhos ideais dum templo, mas também a quantidade

de durações para cada voz na obra operística ou polifónica, ou também a combinação ideal dos lapsos de tempo nas partes de uma sinfonia. Esta série de números considerada como a lei de beleza tornou-se um instrumento matemático que foi base para a harmonia das proporções do Partenon Grego; Leonardo da Vinci calculava a composição dos seus quadros com a ajuda da dita lei; I. Bach também usava a “secção de ouro”. No futuro podem ser descobertas outras leis de beleza que será possível descrever na língua das matemáticas.

Já falamos da possibilidade da mudança da percepção subjectiva do tempo pelo ouvinte ou intérprete durante o concerto. Se o intérprete aprender a usar conscientemente esta propriedade da música, poderá atingir tais resultados criativos que podem parecer hoje em dia fantásticos. No futuro seria interessante estudar este fenómeno como a manifestação do “paradoxo de tempo de A.Einstein”.

Se analisarmos uma obra musical como o código da torrente universal de informação, será possível no futuro o treinamento da intuição humana até atingir clarividência.

Actualmente não existe nenhum obstáculo para criar um sistema de clarividência por meio das imagens musicais que agudizam o funcionamento da intuição.

Aproveitando todas as propriedades da música já mencionadas, será teoricamente possível no futuro a passagem da consciência humana do mundo da realidade material ao mundo da realidade artística com o grau ideal da veracidade.

Também teoricamente é possível a passagem brusca da consciência humana de uma realidade temporal à outra por meio do sistema de imagens musicais.

Talvez a propriedade mais surpreendente da música é a sua capacidades de abrir a porta à consciência individual do homem, fazendo-a acessível às outras pessoas. Muitos ouvintes que assistem à interpretação genial da grande música conhecem esse efeito. Em tais casos os ouvintes dizem que a música converteu o público num ser único. Hoje é uma metáfora. Mas amanhã...quem sabe? Os ouvintes na sala experimentam fortes emoções iguais. Surge uma ressonância com as emoções e portanto uma grande explosão de energia que volta ao músico. Esta energia é multiplicada pela energia do Criador, com a qual ele dota o músico pela abertura abnegada da porta à sua consciência individual. O poderoso intercâmbio de energia obriga os ouvintes que percebem essa onda de unidade a entreabrir a porta às suas consciências individuais. Pois, quando dizemos que “a música converteu o público num ser único” não é só uma metáfora adequada. É o caminho que no futuro pode fazer superar a individualidade de consciência por meios de poderosos fluxos musicais de energia. É necessário ou não entreabrir a porta à consciência individual do homem como representante de espécie biológica? A pergunta pode ser inoportuna. Mas será actual quando o homem se apoderar dos fluxos poderosos de energia, regulados pela nossa consciência. Neste caso as imagens musicais serão de muita ajuda cujo efeito é difícil valorar agora. Como se distinguem as imagens musicais que formam fluxos de energia da consciência dos músicos, dos fracos fluxos de energia do pensamento de muitas pessoas que exercem outras profissões, cuja actividade não está relacionada com a suprema concentração de energia do pensamento durante um curto lapso de tempo?

1. O principal que sai fora dos limites da concentração da energia do pensamento e da sua translação: a maioria das imagens musicais contém ideias humanistas do Criador. Essas ideias não prejudicam a humanidade, mas elevarão as pessoas por cima da vida quotidiana.

2. Os compositores do passado aprenderam a perceber as mensagens do Inspirador Superior como um conjunto indivisível. A variedade infinita de sonidos musicais que compõem as obras musicais é só a forma que inclui a mensagem única e indivisível do Criador. Só poucos intérpretes geniais são capazes de interpretar uma obra comprida como uma “mensagem” indivisível. É o mais difícil na prática de interpretação. Especialmente para criar este grande

conjunto indivisível os músicos durante anos e anos perfeioam a sua arte. A consciência dos compositores e intérpretes é treinada pelos estudos diários de muitas horas para encarnar grandes ideias, ou seja para gerar os fluxos poderosos de energia da consciência. Essa energia, melhor que qualquer outra energia, serve para entreabrir a porta à consciência individual das pessoas e para consolidar a sociedade humana em geral.

3.O desejo e o saber abrir a porta à sua consciência individual para o público é uma qualidade profissional necessária para um verdadeiro músico. Precisamente essa qualidade profissional dos músicos será um tesouro inapreciável para os científicos do futuro que dedicarão a sua vida para tratar de abrir a porta à consciência individual de todas as pessoas.

4.Quer ou não quer o homem moderno fazer acessível a sua consciência para outras pessoas? Até se pensa nisso, rejeitará esta ideia com indignação! Porque neste caso qualquer pensamento “negro” percebido por alguém na realidade, será imediatamente censurado e até pode ser bloqueado por certa “polícia de seguridade da actividade mental”. No futuro o sistema de descobrimento e bloqueio dos “pensamentos negros” pode resolver o problema da criminalidade ou modificar radicalmente todo o sistema de relações entre as pessoas.

Como devem preparar-se os músicos modernos para resolver o problema da abertura da porta à consciência individual do homem como espécie biológica? Talvez perfeioar o seu talento como sensibilidade às ideias do Criador. Só Ele e as Suas ideias indicarão o verdadeiro caminho para desenvolver a música.

Para terminar vale a pena recordar aos compositores que a música foi criada pelo Criador do Universo não como uma cópia exacta da realidade, mas como um sistema de imagens artísticas, que refletem os fenómenos da realidade acessível a todos nós.

Os ouvintes e críticos têm de recordar a frase do famoso poeta russo A.Pushkin: “É preciso julgar o artista por meio das leis que ele estabeleceu para si mesmo”.